

FILOSOFIA AFRICANA: ÉTICA DE CUIDADO E DE
PERTENCIMENTO OU UMA POÉTICA DE ENCANTAMENTO

AFRICAN PHILOSOPHY: ETHICS OF CARE AND BELONGING OR A
POETIC OF ENCHANTMENT

Adilbênia Freire Machado¹

Recebido em: 07/2019

Aprovado em: 09/2019

Resumo: Este artigo tem o intuito de refletir a filosofia africana compreendendo-a como plural, diversa s e assim uma ética de cuidado e de pertencimento, tecendo-se, como uma poética de encantamento, implicada com o bem-viver, a potencialização da vida numa relação comunitária e relacional desde o corpo inteiro. Pensamos desde as filosofias da ancestralidade e do encantamento propondo a descolonização do conhecimento desde a valorização de nossos saberes e o reconhecimento de nosso corpo como produtor de conhecimento, tecido pela escuta sensível, assim pela ética do cuidado, onde somos e aprendemos desde as esteiras de nossas “andanças”, enraizamento e pertencimento para o transfor-Amar.

Palavras-Chave: Filosofia Africana; Escuta Sensível; Pertencimento; Ética do Cuidado.

Abstract: This paper intends to reflect the African philosophy, understands that as plural, thus different from an ethic of care and belonging, thus weaving itself as a poetic of enchantment. implicated with wellfare, the empowerment of life, in a communal and relational relationship from the whole body. We think from the philosophies of ancestry and enchantment proposing the decolonization of knowledge from the valuation of our knowledge and the recognition of our body as a producer of knowledge, woven by sensitive listening, as well as the ethics of care, where we are and learn from the mats of. our “wanderings”, rooting and belonging to the Trans-Amar.

Keywords: African Philosophy; Sensitive listening; Belonging; Care Ethics.

Implicações Iniciais – Sonhos Ancestrais

*“A arte e a prática de amar começam com
nossa capacidade de nos conhecer e afirmar.”
bell hooks*

¹ Doutora em Educação (UFC), Mestra em Educação (UFBA), Bacharela e Licenciada em Filosofia (UECE). Faz parte dos grupos de pesquisas: NACE (Núcleo das Africanidades Cearenses), Griô: Cultura Popular, Ancestralidade Africana e Educação (UFBA). Integrante da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negr@s) e da Academia Afrocearense de Letras (AAFROCEL). E-mail: adilmachado@yahoo.com.br

A construção desse texto se dá desde a perspectiva de uma ética do cuidado, do pertencimento, ou uma poética de encantamento, desde a implicação na busca de dar sentido(s) ao nosso ser / fazer / estar no mundo como aprendiz que busca a descolonização do nosso viver / ser / estar no mundo, implicada em tornar nosso mundo um lugar melhor para se viver, um lugar justo, pautado pelo bem-viver. Assim, intenta-se refletir acerca da descolonização epistêmica compreendendo que a filosofia ultrapassa a universalidade que lhe foi imposta, ela é plural, diversa, assim, se faz desde uma ética inclusiva, horizontal, amorosa.

Somos plurais, tecidos por culturas diversas e assim por diferentes modos de aprender / ensinar / sentir. E desde a cosmopercepção africana aprendemos com nossas vivências / experiências, com nossas andanças, chegadas e partidas, nosso caminhar, o *Odu* que tece nosso estar no mundo, o corpo que nos permite ser em toda nossa integridade, ser de corpo inteiro. Desse modo, parto dessa construção por entender que o aprender / ensinar é um ato de partilha, cuidado, afeto com e para a vida e o universo com o qual compartilhamos nosso ser / viver. Somos seres da natureza. Pois que, na concepção africana a pessoa nunca está separada da natureza, ela é de corpo inteiro, mesmo diversa não é fragmentada, o corpo não se encontra separado da mente. Hampaté Bâ (1981, p. 03), nos ensina que:

o ser humano não é uma unidade monolítica, limitada a seu corpo físico, mas sim um ser complexo habitado por uma multiplicidade em movimento permanente. Ele não se trata, portanto, de um ser estático, ou concluído. A pessoa humana, como a semente, evolui a partir de um capital primeiro, que é seu próprio potencial e que vai se desenvolvendo ao longo da fase ascendente de sua vida, em função do terreno e das circunstâncias encontradas. As forças liberadas por esta potencialidade estão em perpétuo movimento, assim como o próprio cosmos.

Somos em movimento, assim como o conhecimento só acontece em movimento... Saber é movimentar-se, movimentar, cuidar, escutar, sentir a si mesma, às outras pessoas, a natureza, a terra, em uma perspectiva relacional. Pois que o corpo humano é “uma reprodução em miniatura da terra e, por extensão, do mundo inteiro” (Ibid, p. 04). A terra é “considerada como mãe e cuidadora dos animais, plantas e minerais” (BÂ, 1981, p. 04). Assim, reivindicamos um retorno ao feminino, aos saberes ancestrais femininos, buscando o retorno à compreensão de que só somos em relação com a natureza, ou seja, em relação também com o sagrado, portanto, é fundante cuidarmos de quem somos, do que somos, do que fazemos parte. Sem a natureza não somos. É necessário voltarmos à terra.

Somos desde andanças, travessias africanas no mundo, diásporas tecendo africanidades

em nós. Somos tecidas pela ancestralidade africana e encantar-se com essa ancestralidade nos leva a compreendermos que só existimos desde e com o coletivo, pois que nossas singularidades são totalmente significadas em nossos percursos formativos comunitários (SOMÉ, 2003). Um coletivo que é em relação com a natureza. Sonhos de nossas ancestrais... circularidade que tece nosso caminhar, em uma perspectiva coletiva, relacional, pois a coletividade é a expressão máxima de justiça. Como diz Audre Lorde (2006, p. 87), “às vezes temos o privilégio de escolher a hora, o local e a forma da nossa revolução. Mas comumente precisamos lutar onde quer que estejamos”, pois que lutemos, porém como amor, pois amor é ação (hooks, 2006) de resistência, de re-existência, de potência criativa da vida, de encantamento, em um mundo que tem uma política de morte nos aniquilando continuamente. Amor como ética do cuidado, como resistência criativa, oriundo do encantamento e fortalecimento de nosso pertencimento.

Acredito, parafraseando bell hooks (2006, p. 197), que se escolhermos dedicar nossas vidas à luta contra a opressão, estamos ajudando a transformar o mundo em um lugar onde gostaríamos de viver, bem-viver, em um lugar onde todas as pessoas, seus saberes e culturas sejam valorizadas. Implicando-se em uma cura pessoal e coletiva, pois que a cura pessoal é, também, social, coletiva, desse modo, esse texto intenta refletir a filosofia africana desde uma ética infinita do cuidado, do cuidar-se, do pertencer, de uma poética de encantamento.

Filosofia(s) Africana(s)

Sabemos que no início do século XVI os europeus se intitularam como sendo exemplo, padrão universal de humanidade. É importante pontuar que é um modelo de um homem branco, heterossexual e cristão. Assim, a cultura europeia também se coloca como modelo universal, ou seja, uma cultura que é particular, desde um lugar, coloca-se como universal, superior, marginalizando as outras culturas, colocando-as como inferiores, negando-as.

Segundo a nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (2004, p. 01), uma das características da chamada era moderna “é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre comportamento humano, história, sociedades e culturas”, assim seus “interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais, categorias sociais” (Idem) acabam por dominar a escrita de nossa história, implicando na “racialização do conhecimento” (Idem), onde a Europa coloca-se como única fonte do conhecimento e assim os europeus (homens brancos) são os únicos capazes de conhecer, de aprender, de ensinar, de ser

(pois, colocam-se como seres humanos em suas potencialidades, negando a humanidade dos “periféricos” como dizem) colocando o resto do mundo à margem, negando, inclusive, a capacidade dos povos africanos de adquirir conhecimento, de racionalizar, de sentir, de ser (MACHADO, 2011, 2012, 2014, 2019). A filosofia é utilizada para negar a humanidade de outros povos, fundamentalmente, os africanos, justificando, a colonização a que grande parte do continente fora submetida. Ou seja, ao colocar-se como superior e modelo único de humanidade, a cultura europeia colocou as demais culturas, os demais povos como inferiores, marginalizando-os. E isso foi possível a base de destruição, negação, epistemicídio e genocídio desses outros povos.

Desse modo, é fundante que em todas nossas ações trabalhemos com o objetivo, o propósito de mudarmos essas perspectivas, além de compreendermos que “este contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta em nossa busca para compreender as realidades africanas e de fato a condição humana” (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 01), não apenas as realidades africanas, mas também da sua diáspora, da América Latina. É fundamental, também, desconstruirmos a perspectiva de que foram os homens que construíram a história do mundo, pois “o privilégio do gênero masculino como uma parte essencial do *ethos* europeu está consagrado na cultura da modernidade” (Idem). Nós mulheres somos força, potência, voz e ação dentro de todos os processos de construção do conhecimento, de saberes, de cultura... da história! Da própria existência!

A filosofia ocidental é perpassada pelo ato do colonizar, do silenciar, do negar, do destruir. Invisibilizando e negando os chamados *Outros*, fundamentalmente os povos africanos e afrodescendentes. É a “construção do outro como não-ser como fundamento do ser” como aponta Sueli Carneiro (2005). O silêncio que existe de modo diverso, é, também, ideologia. O privilégio construído epistemológica, cultural e socialmente em torno de raça, classe e gênero dá autoridade de fala a uns e nega aos *Outros*, fala aqui no sentido de pensarmos e reivindicarmos nossos direitos, em todos os aspectos, assim, reflete-se acerca da justiça e da liberdade.

A filosofia ocidental é constituída desde o epistemicídio, ou seja, a destruição dos modos de conhecer, de ser, de agir dos povos africanos e seus descendentes. Entretanto, não sendo possível a total destruição, tal filosofia trabalha marginalizando esses conhecimentos, esse modo de ser / estar no mundo.

Portanto, lutar contra o epistemicídio é lutar pela nossa memória, nossos saberes e modos de ser e pertencer. A filósofa Sueli Carneiro traz em sua história, experiências e

vivências políticas de re-existências, de resistências, uma árdua luta contra o epistemicídio, denunciando e anunciando construções epistemológicas tecida por vozes / escritas / lutas de mulheres negras que tecem a história desse país. Pois, como bem nos diz nossa *Mestra* Conceição Evaristo, no *prefácio* do livro *Escritos de uma Vida* de autoria de nossa também *Mestra* Sueli Carneiro,

...se para mulheres em geral, escrever se torna um ato político, para as mulheres negras, publicar se converte em um ato político também. Podemos ainda ampliar o sentido político de escrever e publicar, acrescentando o ato de ler. Promover os nossos textos entre nós mesmas, e para além de nós, investigar uma bibliografia não conhecida ou não recepcionada como objeto científico, mas que nos informa a partir de nosso universo cultural negro, insistir em apreender as informações contidas na obra, são atos de leitura que se transformam em atos políticos. (EVARISTO, 2018, pp. 7-8).

Nesse sentido, a filosofia africana, tecida pela ancestralidade e pelo encantamento, desde esse texto, implica-se em uma luta irmanada contra o epistemicídio que o povo preto segue sofrendo, assim como uma luta contra o silenciamento, principalmente das mulheres e, especialmente, das mulheres negras. Uma luta irmanada, pois “é preciso entender sempre que nossas ações atuais carregam fundamentos plantados no tempo. ‘Nossos passos vêm de longe’, afirmamos sempre” (EVARISTO, 2018, p. 9). Irmanada pois só pertencemos, só somos desde a comunidade que nos acolhe, de onde somos, em relação.

Sueli Carneiro (2005, p. 97) nos diz que o epistemicídio é “um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais” e em

suas vinculações com a racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade / biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quando do biopoder, a saber, disciplinar/ normatizar e matar ou anular. (Idem).

Portanto, como nos diz Eliseu Pessanha (2018, pp. 63-64), desde o pensamento de Sueli Carneiro,

Matar o pensamento do outro, na verdade transformar esse outro em “coisa”, em uma mera ferramenta para gerar lucro para o sistema econômico capitalista, é uma estratégia que foi determinante para relegar ao negro uma condição de subalternidade e inferioridade perpétua. Ao impor a insígnia da raça e classificá-la como não-humana cria-se uma categorização de seres despossuídos de racionalidade, isso inclui é claro a memória. Dessa forma se nega o passado; apagando o que foi produzido em termos de conhecimento no

continente africano, nega-se o presente; anulando as possibilidades de ascensão social e econômica, seja pelo o extermínio dos corpos negros, seja pela negação do acesso à educação e nega-se o futuro; mais uma vez pelo extermínio dos corpos negros e pela estratégia de submeter esse subalternizado à uma cultura e estética impostas pela branquitude² que determina como negativo tudo que se refere a cultura e conhecimento negro.

Desse modo, denunciemos que “o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos” (SANTOS, 1999, p. 283 *apud* PESSANHA, 2018, p. 66). O epistemicídio ficou entranhado na história do “conhecimento”, entranhado na psique, faz parte do nosso cotidiano, é estrutural, assim

foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam constituir uma ameaça à expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, à expansão comunista (neste domínio tão moderna quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra norteamericano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS, 1999, p. 283 *apud* PESSANHA, 2018, p. 66)

O epistemicídio “serve como instrumento para embrutecer o [povo] negro, embrutecido e condicionado à ignorância a sua ascensão social torna-se cada vez mais distante, pois a estrutura do sistema em que ele se encontra foi programada para absorve-lo como mão de obra barata mesmo antes do trabalho assalariado” (PESSANHA, 2018, p. 70). O racismo é engenhoso, exclui o povo negro dos espaços sociais e políticos, tenta tirar-lhes a cultura, o nega enquanto produtor de conhecimento. Assim,

ao ser excluído dos espaços de poder político e econômico o [povo] negro também é excluído dos espaços de produção do conhecimento. No espaço acadêmico é nítido a ausência de pensadores negros, tanto nas referências bibliográficas como no corpo docente. É evidente o quanto que a escravidão é responsável por essa lacuna, pois enquanto era a base do sistema de produção econômica durante os séculos XV à XIX, o sistema jurídico de todo o mundo colonizado produziu leis que impediam o acesso do negro à educação. Se por um lado a epistemologia hegemônica construía conceitos e elaborava

² Segundo Eliseu Amaro Pessanha (2018, p. 64): o termo branquitude se refere de certa forma a identidade sócio-político-cultural das pessoas brancas ou tudo que essa identidade acumulou durante toda história das relações entre pessoas negras e pessoas brancas. O uso mais pioneiro do termo é atribuído ao filósofo estadunidense W. B. Du Bois, *whiteness*, na obra *Black Reconstruction in the United States* (1935) e posteriormente pelo psiquiatra e filósofo martinicano Franz Fanon em *Pele Negra Mascaras Brancas* (1952). No Brasil há o registro de termo semelhante, *brancura*, usado pelo sociólogo Guerreiro Ramos no artigo *A patologia social do 'branco' brasileiro* (1957). O filósofo jamaicano Charles W. Mills no artigo *White ignorance* (2007) argumenta como factualmente a branquitude opera: “A branquitude é originalmente coextensiva com a humanidade completa, de modo que o Outro não-branco é compreendido através de uma série histórica de conceitos cujo denominador comum é a localização de seus sujeitos em um degrau ontológico e moral mais baixo”. (MILLS, 2018, p.426).

argumentações para a defesa da supremacia branca, o judiciário criminalizava qualquer possibilidade de produção epistêmica negra, a mínima que fosse, dessa maneira por várias gerações o conhecimento oriundo das pessoas africanas só conheceram o extermínio sistemático do seu saber. (PESSANHA, 2018, pp. 70-71).

Descolonizar o(s) conhecimento(s), os sentidos, é imbricar-se em uma luta contra o epistemicídio, e assim, contra o racismo. É um trabalho árduo e contínuo. Ainda reivindicamos, em todas as áreas do conhecimento, um pensamento diverso, com currículos e metodologias que dialogam com nosso modo de construção epistemológica, em nosso caso, um pensamento afrorreferenciado. Em diálogo com nossos modos de aprender / ensinar / ser, implicando-se no “aprender como pegar nossas diferenças e transformá-las em forças. Pois as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre.” (LORDE, 2013). É como disse Conceição Evaristo em *Olhos D’água* (2016): *eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer.*

Portanto, as filosofias africanas em solo brasileiro estão implicadas na transformação das diferenças que nos foram impostas em potência para a vida, poéticas de re-existência, pois que “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade”, como nos ensina Neusa Santos Souza (1983, p. 17). Discursar é dizer quem somos, de onde viemos, é pertencer / ser! Conhecemos nossa(s) realidade(s) e é fundante fortalecer continuamente nosso pertencimento, nosso discurso sobre nós, discurso do e para o coletivo. Portanto, essas filosofias estão implicadas em referenciar e potencializar nossos saberes e os discursos sobre nós mesmas, fortalecendo diariamente a compreensão de que estamos em constante aprendizados e somos eternas aprendizes, pois o conhecimento é fruto dos acontecimentos e esses dos movimentos, como já dissemos. É importante inter-PRETAR o cotidiano, o que está a nossa volta, os discursos, os contextos, os acontecimentos e ver as possibilidades de insurgir e transformar... transfor-A-MAR! Transfor-A-MAR é um ato de resistência e espiritualidade! Em tempos tão desumanos, amar é um ato de resistência, de re-existência. Amar como potência para a vida, empatia, não é o amor romântico é o amor ancestral, encantado, implicado com o bem-viver!

A Filosofia Africana Contemporânea é perpassada pela ética do cuidado por ser uma busca e uma afirmação contínua da nossa comunidade, do nosso pertencimento, da nossa origem, da nossa ancestralidade. Ou seja, o cuidado é o encantamento! Pois, quanto mais nos afastamos de nós mesmas (de quem somos, de onde viemos, da nossa comunidade, da nossa

ancestralidade) mais inseguras ficamos, sem direção, sem sentido e acabamos por nos aproximar continuamente da branquitude, do colonizador, do racismo, nos negando! É importante entender que se não tivermos em nós a compreensão da nossa irmandade perpassada por essa ancestralidade africana, também acabamos agindo desde a cartilha da branquitude, nos dividindo, nos separando, nos enfraquecendo, adoecendo e negando muitas de nós.

Desse modo, ao pensarmos a filosofia africana desde o paradigma da ética do cuidado temos a perspectiva do conhecimento como prática de liberdade e engajamento, abertura para o Outro, para o diverso. É importante pontuar que conhecimento usado para destruição é pior do que sua ausência, portanto, é fundante que usemos o conhecimento como responsabilidade partilhada e comprometida com a vida, do contrário estamos fazendo o que o conhecimento ocidental, europeu, brancocêntrico, patriarcal fez e faz. Conhecimento só liberta quando pautado na potência da vida, qualquer que seja ela, onde possamos ver nossas semelhanças com os diversos, nossa humanidade é fonte e potência de vida. Não implica que tenhamos que silenciar, sermos acrílicas, ao contrário, sermos críticas, porém numa perspectiva construtiva e não destrutiva, pois que é a colonialidade que mata e ensina a matar, é a colonialidade que nega a vida, nega o conhecimento, pois o conhecimento é vida, assim, nega o pertencimento por que pertencer implica encantar-se com o viver. A colonialidade tem medo da vida, odeia a vida. É importante demarcar que a colonialidade não odeia todas as vidas, mas algumas, fundamentalmente a do povo preto, do povo negro, africano e afrodescendente, dos povos originários. A colonialidade hierarquiza o valor das vidas, desde a criação dos seus “Outros”³.

Podemos afirmar que os anos, que ainda perduram, em que a elite brasileira buscou embranquecer o Brasil, por meio da negação da origem e sua expropriação, estão presentes em nosso cotidiano manifestando-se nas diversas violências epistemológicas, econômicas, sociais, culturais, simbólicas e físicas que sofremos, pois

o Brasil, último país a abolir a escravidão e primeiro a declarar-se país de democracia racial, este mito associado à força da ideologia do branqueamento tecem o pano de fundo das relações raciais. A extinção da escravidão sem projeto de inserção social, impingiu aos afrodescendentes a condição de subcidadania e a responsabilidade pelo fracasso passou a ser atribuída a uma suposta incompetência individual e não à conjuntura sócioeconômica-política. (RIBEIRO, 1998, p. 64).

Entretanto, todo esse esforço não foi, não é e nunca será capaz de apagar a nossa identidade, pois é a cultura negra que dá a identidade do Brasil, a força das marcas da existência

³ Podemos ver sobre isso em artigos presentes nesse dossiê no que se refere a necropolítica.

cultural do povo africano em nosso país perpassa o tempo e os espaços, é ancestral. Nossas alianças são ancestrais, portanto, profundas, pois como nos diz Evelyn C. White (2006, p. 07): “quando nos arrastaram da África para os portos do Haiti, Jamaica, Cuba, Mississipi e Brasil, não sabiam que nossos corações separados continuariam a bater como se estivessem em um só corpo. E que nossas vozes, mesmo fraturadas, continuariam cantando uníssono”. Pois, *nossos passos vêm de longe*.

Nós somos por pertencermos a uma comunidade, onde o *nós* é o que prevalece, sempre numa relação com nossa subjetividade, pois tal subjetividade está e é contida pelo comunitarismo, pelo *nós*, sem esse *nós* a morte social está dada. Singularidades múltiplas, implicadas, encantadas.

A cultura africana, seu modo de ser / fazer é perpassada pela narrativa, pelo ato de contar experiências, histórias de vida... **escrevivências** (EVARISTO, 2017)! Nosso reconhecimento, pertencimento, para que não sejamos cooptadas pelo o que o colonizador nos impõe, ou seja, os estereótipos que nos é lançado, pessoas inferiores! Pois que,

numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (hooks, 2010, p. 142).

Assim, ser desde um lugar onde nossa ancestralidade, nosso pertencimento é potencializado é fundante para criarmos possibilidades criativas, inventivas de aprender com as encruzilhadas, cruzar fronteiras impostas que nos deslocam de nós mesmas. Ser desde nosso pertencimento é ser agente de si, mas um si que é coletivo.

Ser desde uma perspectiva ancestral, ser desde a filosofia africana, afro-brasileira, afro-diaspórica, afroancestral é questionar e subverter a estrutura vigente que nos é imposta, que busca, continuamente, nos negar, invisibilizar, apagar, matar. Questionar é negar-se a ser cúmplices desse apagamento, do epistemicídio e genocídios que nos são impostas.

Essa ação na academia é lugar de desconforto para quem nega *os Outros*, a imposição criativa de pensamentos críticos construtores de currículos outros, de epistemologias outras, de didáticas outras, de metodologias outras, pautadas pela diversidade, que só fortalece, é ser

perpassadas pelo corpo, um corpo sagrado e produtor de conhecimento, assim, apresentamos uma perspectiva que traz o corpo inteiro para o ser / aprender / ensinar. Que traz a relação ancestral relacional com o estar no mundo potencializando todas as vidas. A “academia” tem medo de gente que é, que pertence, que é tecida pela poética do encantamento.

Pertencimento – Corpo como produtor de conhecimento, como sentido da e para a vida

Parece-me importante trazer a dimensão de cuidado para com o corpo como altar sagrado de comunicação divina.
Sandra Petit, 2015.

O ocidente animaliza nossos corpos no intuito de negá-los, negar nossa humanidade. A existência negada historicamente é cotidiana, desde nossas origens existe a desumanização do nosso ser, “somos herdeiros de mentalidades decapitadas, as tradições ocidentais cultivam há tempos a má sorte de ter a cabeça deslocadas dos corpos [...]. O corpo é meramente campo a ser disciplinado e normatizado sobre a vigilância do pecado” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 93). Assim, o pensamento ocidental impõe a naturalização da negação, divisão e até a exclusão de nossos corpos, pois sabem que só somos de corpo inteiro onde nossas vivências comunitárias, como nos en-sina Vanda Machado (2013, p. 42),

estão lastreadas em princípios e valores humanos que consideram a vida, o corpo e a ancestralidade na interdependência entre o *ser* e tudo que pode ser respeitado como vida no planeta. Tudo que se move como uma teia dinâmica em todas as direções. Inspirada nos princípios básicos que regem a convivência na comunidade, encontramos outros paradigmas para se compreender a educação como outra forma de en-sinar. Educação como possibilidade quando se oportuniza aprender pela necessidade de ser, valendo-se dos acontecimentos cotidianos considerados na sua extraordinariedade. Este é o sentido para que estejamos sempre atentos a tudo que possa contribuir para a busca de ser antes de aprender para ter. [...] A cada tempo, o saber de cada tempo para ser, para cuidar de si, do outro e da vida.

Nosso corpo está implicado em ser, desse modo, “de todas as ‘histórias’ a maior e mais significativa é a das pessoas, simbiose de todas as histórias de vida” (MACHADO, 2013, p. 18). A história de cada pessoa é a história do aprender a ser. Aprender a ser é um ato de resistência, de re-existência, coletiva, portanto, de encantamento. Assim, a colonização do mundo exclui a possibilidade de contarmos nossas histórias, suas diversidades e potências criativas, excluindo o corpo, mais que isso, o condenando, proibindo-o *ser*. A ética do cuidado desde o pensamento africano nos diz sobre aprender a ser tecido por nossa ancestralidade.

Os corpos atravessados nas e pelas encruzilhadas afrodiaspóricas, são corpos de sentidos, produtores de conhecimento, espaços sagrados de potencialização da vida, assim, esses corpos são “assentamento de saberes e é devidamente encantado” (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 50), desse modo, “significam, através de suas práticas, outras possibilidades de invenção da vida e de encantamento do mundo” (Idem), são cruzados por “práticas de saber que o talham, o banham, o envolvem, o vestem e o deitam em conhecimentos pertencentes a outras gramáticas” (Idem), são corpos que “reinventam as possibilidades de ser/estar/praticar/encantar o mundo enquanto terreiro” (Idem).

Em nossos corpos trazemos vários escritos e escrevemos tantos outros, somos livros, grafismos, tatuagens, pinturas, bordados, crochês, trançados, somos uma estética do mundo, da vida, pois “é através do corpo como um suporte de saber e memória que vem a se potencializar uma infinidade de possibilidades de escritas, por meio de performances, de formas de ritualização do tempo/espaço e conseqüentemente de encantamento da vida” (Idem).

Sandra Petit diz que aprender de corpo inteiro é aprender de forma holística, “sem a falsa distinção corpo e mente” (2015, p. 123), assim, potencializamos “a capacidade poiética das pessoas” (Idem). Nossa existência é poética, somos ancestrais tecendo poemas escritos por nossas ancestrais. Poemas encantados.

Na cosmopercepção africana o corpo é compreendido como “campo de possibilidades, de invenção, de mobilidade, dinamismo, como também de transformação e restituição” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 51). Não é à toa que o colonialismo tanto tentou (tenta) acabar o corpo negro, o colonialismo contemporâneo continua nessa tentativa por meio, principalmente, da colonização do conhecimento, da linguagem e da estética dos corpos.

Existimos de corpo inteiro desde o pensamento africano, somos parte da natureza, só existimos em relação com tudo o que existe no mundo, pois, como nos ensina Vanda Machado (2010, pp. 14-15):

O pensamento africano se caracteriza pela ideia do corpo comprometido com os fenômenos da natureza. Nessa perspectiva, nos colocamos na relação com as energias da natureza do cosmo de modo a vivenciá-las também no próprio corpo. Exu Obará, Exu, rei do corpo, é o que anima, embeleza e revitaliza. Para cada conjunto de célula que morre por dia, Obará faz nascer outras tantas que nos mantêm a vida. É ele que mantém vivo nas pessoas o impulso para troca de afetos e o desejo de gozos para que jamais se acabe a vida na terra. E quando o ser de cada um exulta o prazer e a vida, Exu se move infinitamente sem a contagem inflexível do tempo que limitaria os movimentos do corpo. Exu é o que faz o jogo do universo e nele estão contidas as infinitas possibilidades como a aleatoriedade do movimento, a vagueza e a desorganização. Nele está contida também a turbulência que [o ser humano]

vive como um refazer contínuo da ação e do pensamento.

A Cosmopercepção africana traz o pensamento e o corpo, pensar de corpo inteiro, o cognitivo e o sensorial. Implica nas pluralidades de sentidos das nossas vivências, das nossas escrevivências, das nossas ações pedagógicas, das pretagogias, dos referenciais teóricos e metodológicos afrorreferenciados, das filosofias africanas, das filosofias da diversidade.

As filosofias africanas, da ancestralidade e do encantamento, são completamente tecidas, bordadas por seres vivos em todas as suas dimensões, seres integrais, por isso a implicação com o viver, como viver bem, o bem-estar que é subjetivo e coletivo. Engajamento com a liberdade concreta, liberdade e justiça. Corpo, mente e espírito! Somos seres de sentidos, sensações, percepções, afetos! Corpos que pertencem!

Reconhecer nosso pertencimento negro é, também, um ato político! Entretanto, não é uma atitude impensada, pois o encantamento não nos permite, é uma atitude para a vida: implicação ética, estética, política, social, cultural. Consciência racial! Estética do Bem-viver! Engajamento!

A Lei 10.639 / 2003 e o ensino para as relações étnico-raciais estão implicadas em provocar mudanças desde o re-conhecimento de nossas origens e do encantamento por ela, filosofia africana. O encantamento por nossa ancestralidade africana nos leva a seguirmos em uma luta engajada pelo nosso direito à vida, a existência em sua totalidade. Desse modo, é necessário não perdermos de vista a construção da consciência política, social, cultural e de pertencimento, também para a construção de uma sociedade democrática, onde o bem-viver marque nossas existências, nos permitindo viver plenamente nossa cidadania e assim o respeito às diferenças aparece como primordial. Portanto, compreendemos que a descolonização perpassa a escuta sensível, a percepção do todo, o cuidado a cada segundo com o que o colonizador e o racismo entranham em nosso modo de ser e estar no mundo.

Assim, afirmar-se, reconhecer nosso pertencimento negro africano fortalece, potencializa e multiplica os sentidos de existência, de re-existência, de resistência, atingindo outras pessoas. Por isso, é fundante existirmos em nossas pesquisas, falarmos desde nós mesmas, desde nossas experiências, fragilidades, dúvidas, curiosidades, lutas, conquistas, pois o racismo, a colonialidade afeta profundamente nossa subjetividade. A afirmação de si é afirmação de todas as nossas ancestrais... de quem já veio, de quem aqui está e de quem virá. *Afinal, nossos passos vêm de longe.*

Desse modo, temos uma responsabilidade em contribuir para os processos de

descolonização, assim,

para encarar essas feridas, para curá-las, as pessoas negras progressistas e nossos aliados nessa luta devem estar comprometidos em realizar os esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e autodefinição. [...] a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar, nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualista acerca do bom e do mau. [...] a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (hooks, 2019, pp. 36-37).

Portanto, é fundante trabalharmos epistemologias, metodologias, currículos, referenciais afro para que possamos despertar ancestralidades adormecidas, encantamentos silenciados, calados... nossos textos estão impregnados de vida, de axé, de luta, por isso nossas teorias gritam, choram, dançam, flertam, seduzem, cantam e encantam... somos de corpo inteiro, nosso corpo fala, nossos textos são a escrita dos nossos corpos... É fundamental unirmos nossas forças para nos curarmos, potencializarmos cada vez mais nossos modos de ser e estar no mundo. Para nos encantarmos!

Mesmo diante de tantas dores, negações, agressões, nossa ancestralidade não deixa o encantamento acabar... E em mim, minhas ancestrais tem transformado as dores (epistemicídio, genocídio, etc.) do mundo em potência para viver, ser, criar, encantar, encantar-se... Sem encantamento não somos, portanto, insisto (insistimos), resisto (resistimos), busco (buscamos) potencializar o feminino insurgente que há em mim, que há em você! Pois que o feminino é a potência da vida, da existência em todas as suas potencialidades. O feminino que há em nós é o que permite o transfor-A-MAR, ser resistência tecida por nossa espiritualidade, por nossa ancestralidade, poéticas de encantamento fortalecendo nosso pertencimento, a afirmação de quem somos. Sabemos que

A afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior. Uso a expressão “amor interior” e não “amor próprio” porque a palavra “próprio” é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros. Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante. A mulher negra descolonizada precisa definir suas experiências de forma que outros entendam a importância de sua vida interior.” (hooks, 2006, p. 195).

Descolonizar, potencializar nosso pertencimento parte do interior e assim expande,

derrama-se no exterior, implicando-se na coletividade comunitária, compreendendo que o compromisso com a vida é pautado por nossas vivências, atitudes, nossa conexão com a comunidade, a natureza, nosso pertencimento.

Descolonização do Conhecimento

Descolonizar o conhecimento no modo de ser / fazer, é falar desde os sentidos, as energias que tecem nosso existir, fortalecer para não sermos silenciadas, ter o silêncio como potência para ação, como lugar de escuta, pois, o conhecimento é fruto das experiências, das trajetórias, histórias, vivências, é necessário mergulhar em nossos corações, nossas emoções e ouvir seu ritmo (SOMÉ, 2003) para nos fortalecermos, para fortalecermos nossos conhecimentos. Desta forma, tecer esse texto desde a cosmopercepção africana e afrodescendente é enfatizar nossa voz, é negar a teoria da memória, no sentido em que esta é compreendida como “teoria do esquecimento” como nos diz a afro-portuguesa Grada Kilomba (2016) quando concebe que “o passado colonial está memorizado de tal maneira, que se torna impossível esquecê-lo. (...) Não se pode simplesmente esquecer e não se consegue evitar lembrar”. Negar essa teoria é falar sobre o que tanto assusta os colonizadores, pois “existe um medo apreensivo de que, se o *sujeito* colonial falar, a/o colonizadora/or terá que ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o ‘Outra/o’” (KILOMBA, 2019, p. 41). Estes outros são aquelas pessoas que foram negadas pelo sistema capitalista, racista, eurocentrado, patriarcal, machista e sexistas, são aquelas a quem foi negado o seu pertencimento, ou seja, sua origem, sua cultura, seus saberes, sua humanidade, sua ancestralidade, sua tradição.

Não silenciar, fortalecer nossos processos identitários, de pertencimento, conhecer nossa história é um **instrumento de luta** contra o racismo, a xenofobia, a criminalidade que aflige, principalmente, a população negra e as mulheres, especialmente as negras. Por conseguinte, a formação para o re-conhecimento da nossa ancestralidade, o re-conhecimento de nossa origem proporciona uma consciência política, cultural, ética e estética, fortalecendo nossa luta, nosso pertencimento, encantando. Destarte, como nos aponta Ronilda Ribeiro (1998, p. 65):

O contato com a Ética e a Estética africanas necessariamente induzem sentimentos de orgulho de pertença étnica e racial nos afrodescendentes e nos brasileiros em geral. Resgatar a importância da mão e da voz africanas na construção física e simbólica desta terra brasileira é tarefa inadiável, à qual

somos chamados hoje, como nunca antes. Lembrando o que foi ensinado por nossos ancestrais africanos: na grande rede de participação que caracteriza o universo estamos todos indelevelmente ligados.

Somos parte de uma grande teia, temos que nos conscientizar de que o processo de fortalecimento subjetivo é fortalecido pelo coletivo e o coletivo é fortalecido pelo subjetivo, somos subjetivos e coletivos, compreendendo que essa construção identitária “não se dá de forma tranquila, estática, esse processo acontece mediante inquietudes, tensões, relações conflituosas” (MACHADO; MATOS, 2016, p. 220), acontece dentro de um contexto comunitário e histórico. Teias de sentidos subjetivos / coletivos, delineadas por forças ancestrais.

In-Conclusões – Filosofia Africana como Ética do Cuidado

A Ética do Cuidado é oriunda da relação, comunhão coletiva de modo circular, horizontal. Onde todas as pessoas estão inseridas e todas são importantes, aprendendo / ensinando, trocando, fortalecendo e o horizonte é o bem-viver. Nosso ensinamento / aprendizado é o ser / cuidar! A filosofia africana é compreendida como uma ética do cuidado, por ser uma filosofia da ação, uma prática comunitária em torno do bem-viver, da relação com a natureza, da sacralização do corpo, das nossas sabedorias ancestrais e da escuta sensível, ou seja, relação ancestral com a vida, com o mundo.

A construção da educação para as relações étnico-raciais, a(s) filosofia(s) africana(s) são tecidas pela diversidade, os muitos modos de aprender / ensinar e a multiplicidade de espaços educativos, espaços de aprendizagens implicados em *ser*. Têm por alvo “a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais” (SILVA, 2007, p. 490). Nesse sentido, intenta-se formar pessoas comprometidas “com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências histórias, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação” (Idem). Diálogos tecidos, experienciados, bordados em nossos espaços encruzilhadas: terreiro, roda, esquina, barracão, etc.

O ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, as filosofias africanas, da ancestralidade e do encantamento intentam-se ser tecidas por nossas escrevivências, nossos saberes e modos de ser / aprender / ensinar. Intentam bordar estéticas de bem viver! Bordar com as linhas do cosmoencantamento, linhas tecidas pela ancestralidade, pelo fortalecimento de

nossa origem, pertencimento. Cosmoencantamento são as linhas da ancestralidade bordando nosso estar no mundo.

O conhecimento, o saber são libertadores, entretanto, é importante não esquecermos que ele tem sido usado para nos oprimir e inferiorizar, portanto, é necessário estarmos sempre atentas e atentos às descolonizações contínuas. Trabalho diário, árduo, de hoje, para o agora e para o amanhã e desde ontem! Somos seres de heranças, afinal, *ossos passos vêm de longe!*

Comprometimento ético político com a vida, com nosso estar no mundo, isso é encantamento. Comprometimento com a vida, com a natureza, isso é ancestralidade. E aqui, estabelecemos esse comprometimento desde mulheres negras empenhadas com a transformação por meio da educação, assim, também temos o compromisso de uma escrita descolonizadora potente no sentido de trazer as epistemologias de nosso povo na busca de uma consciência negra em todos os âmbitos políticos, sociais, culturais.

A poética do encantamento pauta-se no pensar / fazer / ser, no aprender / ensinar / compartilhar de corpo inteiro, desde um coletivo que nos permite existir em nossas singularidades. Assim, pauta-se em saberes diversos, plurirreferenciados, epistemologias construídas desde nossos contextos e assim vai para o universo, epistemologias onde aprender e valorizar nossos próprios saberes é fundante, é enraizar, pertencer e o pertencimento traz a cura. Desse modo, constitui-se desde modos diversos e afetivos de conhecer / ensinar, constituídos pelos modos de ser, sentir de todas as pessoas envolvidas, é coletiva, é desde a escuta sensível de cada pessoa, do todo!

O encantamento é o ato de criar mundos, outros mundos onde a ampliação de nossa liberdade e do bem-viver são preponderantes. É implicação com nosso existir, é oriundo do reconhecimento e da potencialização de nossa ancestralidade, só acontece enraizado em uma forma cultural, em um contexto, é enraizado. Nosso contexto é a cosmopercepção africana em diálogo com a filosofia, pois a filosofia africana, a filosofia africano-brasileira nascem do encantamento! Da potencialização do criar, do gerar, do permitir ser...

A construção da teia (afetos, perceptos, saberes locais e globais) delineia-se desde nossa própria origem, o chão que nos tece, nos fortalece, pois só assim é possível escutarmos nossa própria voz, a voz do nosso coração, do coração da nossa comunidade, nos fortalecendo e, assim, contribuindo com a construção de um mundo melhor, pois “a comunidade e a pessoa são uma coisa só. Um rebuliço com um membro da comunidade e todos são afetados. Somos elos de uma mesma corrente. Galhos e folhas de uma mesma árvore” (MACHADO, 2013, p. 60). Somos uma pequena parte do universo, entretanto, e dentro de nós temos tudo aquilo que faz

parte do universo, existimos em complementariedade.

A escuta sensível é perpassada de rigor... relação de respeito e desejo pela diversidade, pela multiplicidade que nos tece. Ao trabalharmos com as sensações, com corpo inteiro, o conhecimento é produzido, tecido, sentido, vivenciado, experienciado!

Com-partilhas que se dão por um compromisso coletivo, comunitário de construção de Outros mundos possíveis numa relação comunitária com a multiplicidade de respostas à vida, os diferentes modos de ser e viver. O modo fundante do modo africano de potencializar e valorizar sua existência é compreendê-la como uma experiência a ser vivida, sentida, desejada e agradecida.

As filosofias africanas tecidas pela ética do cuidado ou uma poética de encantamento é o sentir o chão, aprender na esteira de nossas andanças tecidas por todas as pessoas e “as coisas” a nossa volta, relação de construção com e desde a natureza. As filosofias africanas são tecidas pela ética do cuidado por implicarem-se com o pertencer, ser, enraizar, transfor-Amar! Assim, in-concluo esse artigo com um poema que reflete a força do pertencimento e da potência da ética do cuidado que existe em nós, mulheres.

A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES

Conceição Evaristo⁴

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos do que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida

⁴ EVARISTO, 2006, p. 20-21. Poema em memórias de Beatriz Nascimento. Publicado pela primeira vez nos Cadernos Negros, nº 19, SP, 1996.

onde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas
Pois nosso sangue-mulher
Do nosso líquido lembradiço
Em cada gota que jorra
Um fio invisível e tônico
Pacientemente cose a rede
De nossa milenar resistência

Referências Bibliográficas

BÂ, Amadou Hampâté. A noção de pessoa na África Negra. Tradução para uso didático de: BÂ, Amadou Hampâté. **La notion de personne em Afrique Noire**. In: DIETERLEN, Germaine (ed). Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros. <https://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html>

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundante do ser**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação junto à área de Filosofia da Educação, FEUSP, 2005.

EVARISTO, Conceição. “Em legítima defesa” (Prefácio) In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018, p. 7-9.

_____. Destaque: Conceição Evaristo. Entrevista concedida a Ademir Pascale. **Conexão Literatura**. Junho, 2017, N° 24

_____. **Olhos d’água**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

_____. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

HOOSK, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

_____. Who Can Speak? (Quem pode falar). Tradução de Anne Caroline Quiangala, 2016. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-gradakilomba.html>

LORDE, Audre. **Mulheres Negras**: As ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre. Tradução de Renata. Conferência do New York University Institute for the Humanities, 1979. Geledés, 10 jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em 29 de março de 2019.

_____. Vivendo com câncer. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana**: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades. Fortaleza: Impreco, 2019.

_____. **Ancestralidade e Encantamento**: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 240p, Salvador, 2014.

_____. Filosofia Africana e Currículo: Aproximações. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, Vol.0, N.18, maio de 2012a. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/7027/5552>

_____. Linguagem e Identidade Africana e Afrobrasileira. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, Vol.3, N.2, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/619/772>

MACHADO, Adilbênia Freire; MATOS, Patrícia Pereira. Ancestralidade africana – um mundo de ser, estar e cuidar: uma aprendiz e uma iniciada. In: SILVEIRA, Ronie Alexandro Teles da; LOPES, Marcos Carvalho (orgs.). **A religiosidade brasileira e a filosofia**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, Vanda. **Exu**: o senhor dos caminhos e das alegrias. VI Enecult, encontro de estudos multidisciplinares em culturas. Facom-UFBA – Salvador / Bahia / Brasil. 25 a 27 de Maio de 2010.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. **CORDESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CORDESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica & Epistemicídio**: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo. Dissertação (Mestrado em Metafísica) – Universidade de

Brasília, 2018. 98 páginas.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-dança Afroancestral e Tradição Oral.** Contribuições do Legado Africano para Implementação da Lei 10639/03. Fortaleza: EdUece, 2015.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **De Boca Perfumada a Ouvidos Dóceis e Limpos: Ancestralidades Africanas, Tradição Oral e Cultura Brasileira.** *Itinerários*, Araraquara, Nº 13, 1998.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnicoraciais no Brasil. Porto Alegre: Revista Educação, nº. 3, 2007.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas.** 1.ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos.** SP: Odysseus Editora, 2003.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

WHITE, Evelyn C. Apresentação. In: **O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe.** WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). Tradução de Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.